

A ÚLTIMA VEZ QUE MORRI

Dora de Assis

a última vez que eu morri eu tava numa festa e eu tinha besouros entre os dentes é que quando eu fico nervosa eu falo muito e eu coloquei besouros nos meus dentes pra ter alguma casca disfarçando o tom falhado da minha voz. e foram tantas as vezes em que eu não prestei. eu esperei. eu esperei dois segundos até eu não me importar e eu não prestei mais uma vez atenção aos seus detalhes. não consigo esquecer suas pupilas erguidas quando conversamos e eu disse pra ele que eu nasci com a anomalia de escrever poemas e sobre como isso vinha me consumindo desde então. ele finge gostar da frase, do meu olhar vidraça e de repente eu comecei a levar choques da música que pesava meu corpo, aí eu esqueci o que eu ia dizer eu tô usando um vestido que eu nem sei se eu gosto e eu tô usando muitas pulseiras: as voltas no meu pulso são rotas mal-traçadas de não olhar pra trás. não, antônio, eu nunca olhei pra trás e você? eu quase falei isso, mas não deu tempo ele foi no banheiro e aí eu começo a brindar a um objetivo que eu não tenho. agora a luz tá fraca e eu só vejo contornos, talvez eu seja uma parte do que eu não quero, talvez esse escuro me cai bem e eu rejeito esse mantra é que quando se trata de mim um erro a mais é quase um erro a menos eu não sei se tá dando pra entender, mas nessa festa eu tô tão pequena que a luz não me alcança e eu tava até achando bom que eu ia passar despercebida e foi quase, mas ele veio de um jeito que eu não consegui soltar do abraço. eu sei que eu falo muito do antônio mas eu não gosto tanto dele assim. eu existo com tanta força que eu escrevo e aí eu repito tudo que eu escrevo como um mantra. eu não sei mais se eu quero que saibam que eu escrevo, mas é fácil pra mim porque eu cuspo os besouros. eu acho que escrever me salva de um possível alcoolismo - quero não brigada eu não bebo - eu queria muito ser uma pessoa leve, mas não, eu peso e eu incendeio lugares inteiros com os meus cabelos. eu sei que eu vou chegar em casa e vou me envergonhar de tudo que eu tô falando aqui no banho. antônio, hoje eu não sabia como te cumprimentar,

eu acabei te segurando pelo cotovelo e doeu na hora esse gesto desesperado. mas
você tá ótimo, você é ótimo em gerar dores com a sua frieza, juro, é quase um dom.
que ódio, um oi desleixado estragou a noite e agora eu só consigo pensar no cílio
caído na sua bochecha no cílio na sua bochecha no cílio na bochecha e agora no
meio da festa não dá pra pegar um papel e dissolver uma parte de mim no poema.
eu quero repetir e fazer a cena de novo porque eu te dei oi errado. agora não tem
mais poesia o resto da noite inteira tá sendo um borrão

eu preciso me esquecer um pouco
por entre a sombra dos dedos

a gente pode até tentar
se enganar
abrindo geladeiras e rindo
olhando pro pé,

mas a gente sempre sabe
quando perde alguém